

Esforço concentrado nos estados

Denise Rothenburg
e Matheus Leitão
Da equipe do **Correio**

Ed Ferreira/AE



FHC (D), COM MACIEL, SE REUNIU COM INTEGRANTES DO GOVERNO PARA REANIMAR O GRUPO E DIZER QUE NÃO É O MOMENTO DE JOGAR A TOALHA

Diante da possibilidade cada vez mais próxima de perder a Presidência da República, os partidos aliados ao presidente Fernando Henrique Cardoso e ao candidato José Serra (PSDB) decidiram que a hora é de lutar até o fim para conseguir, ao menos, eleger governadores estaduais. As prioridades para o presidente são especialmente conseguir vencer em colégios eleitorais expressivos, como no Rio Grande do Sul, com Germano Rigotto, que disputa contra Tarso Genro (PT). O outro nome é o governador-candidato Geraldo Alckmin (PSDB), que concorre contra José Genoíno (PT). E, ainda Mato Grosso do Sul, com Marisa Serrano, que concorre contra o governador Zeca do PT.

Em reunião realizada ontem pelos líderes da base aliada, no Palácio da Alvorada, ficou decidido que deve ser feito um esforço político para manter os ânimos em alta nesta fase final da campanha pela sucessão presidencial. “Serra tem sido um bravo. Temos que continuar lutando”, afirmou o presidente, elogiando o espírito combativo de seu candidato. O comentário foi feito depois da reunião em que representantes do PSDB, PMDB e PFL analisaram o cenário eleitoral.

Serra e Fernando Henrique se encontraram reservadamente ontem à noite. O presidente recebeu de seu candidato os dados da pesquisa de *tracking* (feita por telefone com eleitores). Segundo os analistas de pesquisa de Serra, a diferença entre o candidato do PSDB e Luiz Inácio Lula da Silva (PT) tem apresentado uma redução, ainda insuficiente, no entanto, para caracterizar a reversão do quadro a quatro dias da eleição ou mesmo chegar a um empate técnico. Mas é suficiente para dar um alento àqueles que enfrentam os aliados de Lula nos mais diversos estados.

Além de eleger os seus governadores, os tucanos, peemedebistas e parte dos pefelistas desejam evitar uma vitória estrondosa de Lula. Acreditam que, se o petista obtiver mais de 60% dos votos, poderá desprezar os partidos hoje aliados ao governo e não querer fazer acordos ou concessões que signifiquem um naco de poder aos atuais aliados de Fernando Henrique. O PMDB, por exemplo, que reu-

niu seus integrantes na hora do almoço, antes do encontro no Alvorada, poderia obter a presidência da Câmara ou do Senado. Ainda não sabe, no entanto, se será melhor ter um desses cargos num acordo com o PT ou migrar para a oposição. Essa análise ficou para depois.

GOVERNABILIDADE

“O PMDB nunca fará uma oposição rancorosa. Se o senador José Serra (PSDB) ganhar a eleição, seremos governo. Se perder, é que a vontade das urnas nos colocou numa possível oposição”, disse o presidente do PMDB, deputado Michel Temer, sobre a reunião. Para Temer, mesmo assumindo uma postura que garanta a governabilidade, participando inclusive de um pacto com o Congresso, o PMDB dificilmente participará de um eventual governo Lula. “Agora vamos esperar os aconte-

DURO RECADO AO TSE

O site oficial do candidato do PSDB à Presidência, José Serra, divulgou ontem um texto em crítica ao Tribunal Superior Eleitoral (TSE) por “cair na armadilha” do PT gaúcho. O texto diz que a concessão de dois minutos pelo TSE ao PT no horário eleitoral de Serra foi baseada em fatos inconsistentes. O direito de resposta concedido ao PT foi motivado por trechos de reportagens que Serra usou em seu programa eleitoral, mostrando pontos negativos do governo petista no Rio Grande do Sul. Segundo o site, os advogados do PT adotaram a tática de pedir cerca de 30 direitos de resposta sobre os mesmos assuntos, em nome de diferentes coligações, entidades e pessoas, o que deu a impressão da existência de um clamor popular contra o que foi mostrado por Serra.

cimentos e só vamos discutir o futuro depois das eleições”, disse. Já o presidente do PSDB, José

Aníbal, evitou comentar sobre o que fazer em uma possível derrota de Serra.

Declarou que o presidente Fernando Henrique está otimista e repetiu várias vezes que o clima da reunião não foi de jogar a toalha. Para ele, existem esperança em todas as bases do atual governo. “A sociedade começou a ver que o PT é um poço de contradição”, disse. Admitiu, porém, que a luta nos estados é a maior preocupação do partido nesse momento. “Vamos lutar até o fim onde estamos bem para elegermos o maior

número de governadores possíveis. Até porque, isso nos dá base para mantermos vivos na dispu-

ta presidencial.” Aníbal ressaltou ainda que o presidente vai acompanhar com atenção a reta final da campanha de Serra, mas não participará pessoalmente de atos públicos ao lado do candidato até o próximo domingo.

O líder do governo no Congresso, deputado Arthur Virgílio (PSDB), é da mesma teoria. Segundo ele, o panorama das eleições estaduais revela disputas apertadas onde o PT concorre ao governo. Virgílio afirmou ainda que o presidente conclamou todos os aliados a continuar trabalhando pela campanha de Serra. “O presidente pediu mais luta, pediu que não entreguemos o ouro, que não joguemos a toalha e que lutemos com garra até o último momento”, afirmou. Virgílio comentou, no entanto, que o PSDB em um eventual governo Lula irá migrar para a oposição. Segundo ele, no entanto, não será “uma oposição de apito ou gravata berrante, mas uma oposição de idéias”.